

**Mẽ pahte amji ton xà nẽ ry ipinkrên nare, kôt cu pahtyj me to ihtyj:
práticas pedagógicas decoloniais e musicais na Escola 19 de Abril da
Aldeia Manoel Alves Pequeno**

Taís Põcuhtô
Juliana Têrkwỳj
Leonardo Tupen
Ovídio Kõnry
Ariel Pepha
André Cohtat¹

RESUMO

Este texto apresenta transformações importantes na Escola Indígena 19 de Abril na Aldeia Manoel Alves Pequeno, território Krahô. Neste processo, docentes indígenas, por meio da prática dos temas contextuais, promoveram reformas profundas na matriz curricular da escola, transformando o espaço escolar em um lugar contextualizado e alegre.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Temas contextuais. Música.

**Mẽ pahte amji ton xà nẽ ry ipinkren nare, kt cu pahtyj me entre ihtyj:
práticas educativas decoloniales y de música en la Escuela 19 de Abril de la
Comunidad Manuel Alves Pequeno**

RESUMEN

Este texto presenta transformaciones importantes en la Escuela Indígena 19 de Abril en la Aldea Manoel Alves Pequeño, territorio Krahô. En este proceso, docentes indígenas, por medio de la práctica de los temas contextuales, promovieron reformas profundas en la matriz curricular de la escuela, transformando el espacio escolar en un lugar contextualizado y alegre.

PALABRAS-CLAVE: Escuela. Temas contextuales. Música.

¹ Acadêmicos/as do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professores indígenas da Escola Indígena 19 de Abril. Povo Krahô. Aldeia Manoel Alves Pequeno, TO, Brasil. E-mail: articulandoeconstruindosaberes@gmail.com.

Considerações iniciais

Temos a nossa própria pedagogia e nossas práticas pedagógicas particulares na Escola Indígena 19 de Abril da Aldeia Manoel Alves Pequeno. Nosso aprendizado tem a ver com a observação. É através da observação que a pesquisa praticada pelos alunos fora da aldeia e dentro da comunidade se torna mais importante.

Ir para o mato, por exemplo, onde se tem contato com a natureza, é fundamental para conhecer a riqueza que a natureza nos oferece. Lá, os alunos aprendem observando o que acontece na natureza. Aprendem a diferenciar as épocas das colheitas de frutas do cerrado e os meses de duração de todas as frutas que conhecem. Aprendem sobre os alimentos que podem ser consumidos pelos mehi e os que não podem. O que se pode comer e o que pode fazer mal ou até matar.

Aprendem igualmente o que somente os animais e pássaros consomem. Conhecem a época certa da seca e da chuva, a troca dos partidos e as músicas.

Nesta dinâmica de observação, aprendem as músicas das frutas e dos animais, a trançar cofo e conhecem os rios, lagos, riachos e brejos. Através da pesquisa eles conhecem sobre o território indígena Kraolândia que deve ser valorizado e conservado sempre.

A pesquisa dos alunos constitui uma prática pedagógica riquíssima porque os alunos aprendem a observar, a ouvir os sons dos animais, aprendem sobre as plantas e cores da natureza. Aprendem a valorizar a natureza, a preservar para não destruírem. Desta forma, passam a cuidar da natureza para futuras gerações.

Concordamos com Catherine Walsh (2013) acerca da necessidade de novas práticas pedagógicas como as decoloniais e sobre a importância das pedagogias de resistência. Acreditamos que observar a natureza é uma pedagogia decolonial e de resistência. Na nossa língua chamamos tais práticas de “Pahte mẽ amjĩ ton xà itajê cunã, nẽ rỳ ipinkrên nare, kôt cu pahtyj mẽ to ihtỳj, mẽ pah cunã jakry xà caxuw”.

Atualmente, conseguimos fortalecer cada vez mais Pahte mẽ amjĩ ton xà itajê cunã, nẽ rỳ ipinkrên nare, kôt cu pahtyj mẽ to ihtỳj, mẽ pah cunã jakry xà caxuw em nossa escola indígena.

Nossa escola possui 189 alunos, incluindo a extensão na aldeia São Vidal. Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e contempla Anos Iniciais, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Especial. Estudam somente alunos indígenas. Há 04 professores não indígenas e 06 professores indígenas, sendo 05 da escola sede e 01 da extensão.

A escola é aberta no final de semana para a comunidade discutir os assuntos da aldeia. Buscamos fazer a escola trabalhar sempre junto da comunidade. Nem sempre foi assim, entretanto.

Antigamente, a estrutura da escola era feita de palhas de piaçá, as paredes eram de folha de palha de buriti e taboca e o piso era de chão batido. Os materiais utilizados pelos professores e os alunos se restringiam a quadro, cadernos, lápis e livros. A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) coordenava as atividades. Não havia alunos pesquisadores. As práticas pedagógicas eram outras.

O primeiro professor mehĩ foi Dodanin Piikên Krahô e o segundo foi Celvino Tehhi Krahô. Os professores cupẽ foram os missionários Hõrcuxy, Cumtum e Hõmjaka. Apenas os jovens e adolescentes estudavam naquela época. As aulas aconteciam durante a noite e a luz era de lampião. Não tinha carteira, sentávamos em bancas feitas de madeira pelos próprios missionários. Os missionários produziram igualmente algumas cartilhas na língua indígena para serem utilizadas pelos professores Krahô.

A sensação que sentimos quando nos lembramos daquela época é a de que foi um período de dificuldades, mas ao mesmo tempo, foi um momento muito bom porque éramos crianças e não entendíamos quase nada. Lembro que não dávamos a menor importância para o estudo na escola. Aprendíamos nos acampamentos tradicionais e muitas vezes nas roças dos nossos pais. Eles também não se importavam se não estudávamos na escola.

Nós não tínhamos uma escola de qualidade, com uma boa estrutura. Tinha material apenas do cupẽ. Não tinha merendeira para preparar o lanche para os alunos que estudavam, não tinha diretor, secretário, vigia etc.

O maior problema é que não passávamos de ano, repetíamos constantemente, o que atrapalhava o desenvolvimento dos estudos. Não estudávamos direito. No entanto, vivíamos felizes e livres nos momentos bons.

O fato é que ninguém sabia da importância do estudo, por isso os mais velhos não incentivavam a gente. Para eles era normal viver uma vida sem o estudo na escola. Nossa infância era na roça e nos acampamentos na beira do rio Manoel Alves Pequeno. Agradecemos a eles por terem cuidado bem da gente.

A nossa ex-professora, Joana de Souza, da FUNAI, foi uma mulher guerreira. Ela atravessava o rio na canoa e depois ia de bicicleta até a Aldeia Manoel Alves Pequeno, onde trabalhava. Ela fazia sempre o mesmo caminho, todos os dias pela manhã, e depois do

trabalho, às 11:30, voltava para sua casa que ficava em Itacajá, a 5 km da aldeia. Além de dar aula, ainda preparava o lanche para a gente lanchar.

Como na época não tinha ponte de acesso na Aldeia, quando chegava a merenda escolar, nós nadávamos o rio Manoel Alves Pequeno até o porto de Adão Quirino para buscar a merenda junto com a professora, no sol quente. Lembro, também, que já chegamos a atravessar com as carteiras nas costas correndo o risco de vida, de morrer afogado.

Os conteúdos aplicados na sala de aula eram todos na língua portuguesa e nós não entendíamos quase nada. Com isso, a gente tinha dificuldades na aprendizagem. A professora chamava a nossa atenção devido ao nosso comportamento. Nós não ligávamos porque a gente não entendia nada.

Havia muitas matérias pedagógicas do cupê. Não fomos bem alfabetizados, pois não estudávamos bem, e também a nossa professora era não indígena. Com isso, a gente aprendeu pouco da língua portuguesa.

Outro ponto negativo naquela época é que os professores trabalhavam só por disciplinas, dentro da sala de aula. Não tinha outra dinâmica pedagógica e isso nos desanimava, pois nossa cultura, nosso costume e a nossa realidade não estavam sendo valorizados. Com isso, a comunidade, as lideranças e o cacique não tinham participação nas atividades desenvolvidas na escola.

A nossa Aldeia e a escola não andavam em parceria. Aprendemos a ler e escrever bem nas duas línguas – Português e Língua Indígena – apenas no 5º ano do ensino fundamental com os professores: o Pastor Wanderley e a Missionária Sayonara. A partir daí, começamos a entender o quanto o estudo é importante nas nossas vidas.

1 Temas contextuais mehĩ

Hoje, as dinâmicas das aulas são diferentes. Em uma semana trabalhamos com tema contextual e na outra semana com disciplinas. Nas disciplinas, trabalham-se os conteúdos que vêm dos conhecimentos tirados dos livros do cupê. O tema contextual é bem diferente da disciplina. Ele tem a ver com teoria e com as novas práticas pedagógicas que buscam preservar, proteger e gerir o território dos mehĩs.

Assim, os alunos aprendem dois conhecimentos, o do cupê e o do mehĩ. Nos temas contextuais, trabalhamos com os conteúdos voltados para nossa cultura e fazemos os alunos

pesquisarem fora da escola, no pátio. Ou ainda com os anciãos, pessoas sábias que têm mais experiência e têm mais conhecimento para transmitir.

Desta forma, conhecimentos que são repassados de geração para geração agora vão à sala de aula. Além disso, com o tema contextual, os alunos têm a liberdade de participar das festas culturais realizadas pela comunidade e também aprender a praticar a corrida de tora, corrida de flecha, trabalhar na roça, pescar ou, então, caçar junto com os caçadores da aldeia. Isto significa que a escola se preocupa com a valorização da nossa própria cultura.

Para escolhermos um tema contextual, nos reunimos às sextas-feiras, professores indígenas e não indígenas, e decidimos quais temas serão trabalhados nas próximas semanas com base nas demandas da comunidade. Depois de decidir, cada professor – responsável da semana pela turma – faz o planejamento semanal, de acordo com a série atendida. Nas séries iniciais são trabalhados temas que se relacionam somente com a alfabetização. Isto porque as crianças não podem sair da aldeia para pesquisar fora. Assim, apenas aprendem os nomes, as letras iniciais, os desenhos e as cores.

Se o tema escolhido for voltado para música ou história, os alunos do ensino fundamental e médio podem pesquisar dentro da aldeia com os anciãos. Se o tema escolhido for voltado para natureza, os alunos poderão sair junto com o professor responsável para pesquisarem juntos, no mato. É importante que o professor, antes de aplicar o conteúdo na sala de aula, escreva um roteiro a ser seguido, contendo algumas questões para a pesquisa.

Nas aulas expositivas dos temas contextuais, ensinamos os alunos através da teoria mehĩ, como por exemplo: sobre as variedades das frutas, a forma de preparo para o consumo, como podemos comer, por que há uma época certa de colheita, quanto tempo dura para o amadurecimento das frutas, dentre outras coisas. Ao longo da semana os alunos trabalham com pesquisa, produção de desenho, registro de conhecimento e debate. Na sexta-feira, apresentam o resultado para a comunidade.

O tema da música é muito importante. Nós costumamos levar um cantor ou uma cantora, na sala de aula, para que ensinem cantando, revalorizando a relação entre crianças, jovens e anciãos. Escrevemos no quadro a letra da música e ensaiamos as músicas escolhidas. Além de serem cantadas para a comunidade, elas podem ser apresentadas através de ilustrações, indicando as relações e condutas dos animais e da natureza. As músicas expressam a forma como vivem e a importância deles na natureza.

2 Me increr (as músicas)

A música é muito importante para a cultura mehĩ. A música alegre e conta a forma como os seres vivem e se relacionam com a natureza, com os rios, as árvores, as frutas, os insetos, a água, o sol, a lua e os pássaros. Todas as músicas são relacionadas aos seres da natureza, das plantas, das frutas e das árvores.

Nenhuma música pode ser inventada, porque todas as músicas são antigas e têm sua origem. Elas devem ser repassadas de geração a geração.

As músicas são fundamentais e necessárias. Elas devem ser ensinadas. Elas estão presentes no dia a dia e são relacionadas à natureza. Por isso, são dinâmicas, alegres e unem a comunidade no pátio da aldeia. Elas fortalecem nossa identidade e cultura. Além disso, na nossa cultura, quando alguém quer ser uma cantora ou um cantor deve respeitar as regras, dentre elas a do resguardo para ter a voz afinada. Sem música, por exemplo, não há festa cultural. Cada festa cultural tem suas músicas específicas. A cantoria (me hõkrepõj) deve ser realizada em todas as festas culturais.

A música é muito importante no processo de ensino e aprendizagem. Me increr é usada na escola a partir da dinâmica do tema contextual.

Nas séries iniciais, as músicas são trabalhadas de acordo com o nível dos educandos. Não podemos ensinar todos os conjuntos de música nessa fase. Eles estão ainda no processo de aprendizagem, por isso as músicas são ensinadas aos poucos. Se forem ensinadas de uma vez pode-se confundir os alunos ou até mesmo bloquear o raciocínio deles. Além disso, a socialização com brincadeiras musicais estimula o crescimento cognitivo e motor da criança. Nas séries iniciais, por exemplo, do 1º ao 5º ano do ensino regular, trabalhamos somente com músicas bem curtas. São como corinhos. As crianças aprendem a cantar com facilidade.

As principais sequências de música utilizadas são: da borboleta, do macaco da mão gorda, do guariba da orelha redonda, do queixo inchado, do peixe grande e do sapinho – como abaixo. Todas as músicas devem ser cantadas.

Tepe ti japê	Procurando se um grande
	peixe
tepe ti	Estou a procura de um
	grande peixe

tepe ti japê wa apu xà ne cô olhando para a água
ca ampu
mã ipar ri pê mã Ouvindo mi um filhote de
soco
craw kra a re xà ne cô ca olhando para o cô
ampu.
Cupyt ty tê Guariba da orelha
redondinha
ija cupyt ty têê rê japac cuja cot to re
hã à, hã à, hã à...
Caprãn xũm juhkô
Me imã caprãn nã xũm um fazem alça do jabuti macho
juhkô, juhkô fazem para mim
jõhihhe, jõhihhe uma alça para jabuti macho.

Os alunos do ensino médio e dos anos finais do ensino fundamental podem escolher as músicas para cantar.

É importante ensinar que nenhuma música está isolada. Existem sequências de músicas e é necessário cantar todas do mesmo conjunto musical. As sequências musicais devem ser cantadas no momento adequado. Temos que tomar cuidado, pois têm músicas que não podem ser cantadas à noite. Outras não podem ser cantadas nem à meia noite, nem de madrugada. E, assim, sucessivamente.

Não é fácil entender os significados das músicas, pois elas são verdadeiras.

O último tema que realizamos no final do ano de 2014, por exemplo, foi com a música do fogo, dos jovens (me intoj cute me to ajpên kjên) e a da cantoria no pátio (awcapàt pê). O objetivo foi incentivar as crianças a valorizar a sua própria cultura, fortalecendo-a. Queríamos conscientizar o aluno sobre a importância da música em nossa cultura e condicioná-los a entender a diversidade da musicalidade Krahô, com prazer. Neste sentido, tínhamos como objetivo ensinar as crianças noções do conhecimento Krahô, como a sequência implícita nos momentos certos de se cantar.

Considerações finais

Com o estudo da música, esperamos que o aluno seja capaz de conhecer e cantar tipos de conjuntos de música (increr e hokrepôj) e seus instrumentos. Seja capaz também de saber os movimentos e gestos da música. E conhecer as danças dos jovens.

O tema contextual busca também fazer com que a criança seja capaz de escrever a letra da música e que consiga produzir ilustrações sobre o conteúdo dela, compreendendo os sentidos implícitos nas músicas.

É importante que as crianças aprendam através das músicas e valorizem a observação e a preservação da natureza e da sua própria cultura. A música é da natureza. Ela registra e ensina sobre ela.

Por isso, podemos chamar a música na escola de Pahte mẽ amjĩ ton xà itajê cunã, nẽ rỳ ipinkrên nare, kôt cu pahtyj mẽ to ihtỳj, mẽ pah cunã jakry xà caxuw.

Referência

WALSH, Catherine. *Pedagogia decoloniales. Practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir*. Tomo I. Serie Pensamento Decolonial. Abya Yala, 2013.

Submetido em 02 de julho de 2019.

Aceito em 14 de agosto de 2019.

Publicado em 15 de agosto de 2019.